

## Elogio fúnebre de Maia Marques

pelo filho Gonçalo

Dar Testemunho de Vida por aquilo em que se acredita

Nunca estamos preparados. Tão depressa estamos, como deixamos de estar.

Tão rapidamente e tão inesperadamente que não temos tempo para fazer o que se impõe: agradecer, abraçar, comemorar e, também, parar. “Tempus fugit” diziam os latinos... “Ars longa, vita brevis”, também o diziam.

O meu Pai viveu para o seu Sonho e teve o taro privilégio e a Felicidade de ser, exatamente, aquilo que pensou e sonhou para ele. Viveu em nome de uma ideia rara - de que ele será talvez o derradeiro representante nestes tempos plásticos de pós modernidade líquida, como diria Bauman: a de que a Cultura, a Memória e, sobretudo, a História, a busca das nossas origens mais ou menos remotas, é o que importa. E viveu tão intensamente esta ideia que, no passado sábado, entre eventos e projetos aos quais se dedicou até ao último segundo, até ao último suspiro, até à última gota de sangue a fluir, trabalhou até ao último segundo e, naturalmente, cansado, deixou-nos.

Mas partiu - estou certo - como pensou e desejou, pessoa Sábia que era. A mais Sábia, Erudita, mas ao mesmo tempo Simples, Humilde e Ansiosa por novos projetos que conheci. A sua Maior Alegria era partilhar os seus projetos. As suas ideias. E com elas contagiava e desafiava outros.

O meu Pai foi um Mestre. E foi-o num sentido tão amplo que, nesse sentido, foi o Maior e Melhor Pedagogo que conheci. Ele foi a pessoa que respirava Conhecimento, Saber - mas do Verdadeiro, não do Reciclado e do Fingido - mas também Pedagogia, Didática, Saber, Humanidade e Capacidade de Comunicação numa única pessoa.

Foi a assistir às suas numerosas conferências, comunicações, aulas até que aprendi que queria ser assim. Que sonhava ser assim. E, desta forma, foi ele que, com o seu exemplo, me indicou o caminho. Mas não foi o único...

Mas não posso esquecer algo muito importante: que só se pode dedicar a fazer as melhores aulas, os melhores livros, as melhores visitas e os melhores projetos porque tinha em casa o MAIOR de todos os pilares: a minha Mãe. Que SEMPRE o acompanhou e proporcionou que se libertasse de todas as preocupações e canseiras para se poder dedicar ao que SONHOU fazer e ser.

Nas boas e nas más horas ela esteve SEMPRE lá, a aparar, a apoiar e a estimular – também a criticar, se necessário fosse para que tudo saísse PERFEITO. Porque para ele não havia outro caminho. Não havia outra forma de trabalhar.

Inspirou equipas. Criou discípulos. Lançou sementes à terra. Sonhou, projetou e executou muito do que é hoje a política cultural do Município. Sendo de Vila do Conde natural – e aqui estamos – sempre defendeu a Maia, a Grande Maia da Terra que ele tão bem conhecia. A Maia que ele – e outro José, de quem era confidente e conselheiro – também ajudou a construir nestas últimas quatro décadas, fundamentalmente.

E assim foi até ao seu derradeiro e chocante suspiro quando nos deixou, em Nogueira da Maia, no momento em que nos preparávamos para comemorar, em família, o aniversário do nosso Querido Martim, que na terça cumpriu 6 anos. Nesse dia jantamos na nossa casa. E depois voltamos a jantar. Como sempre fazímos e fizemos até ao fim. Até às últimas forças o deixarem e dizer que merecia descansar. Coisa que não estava - nem nunca poderia estar - nos seus planos. Porque ele não parava e não parou: mas com isso realizou-se e teve o final que ele desejava.

Neste momento em que cai o pano – como no último caso de Poirot, que ele tanto gostava – gostávamos de agradecer, do fundo do coração, a presença de todos os que aqui

se encontram para nos dar o seu abraço e o seu apoio. Para nos confortar. Para nos dizer que gostam de nós e para nos testemunhar a vossa Amizade.

O meu Pai adorava a comunidade. Apesar de gostar, também, da solidão inspiradora da sua torre, do seu castelo, ele gostava muito de conversar, de conviver, de ter uma conversa intelectualmente estimulante e desafiadora. Mesmo com quem não concordava. E sorria, como só ele o sabia fazer, num misto de bonomia e de larga experiência de vida. Muito superior à sua idade biológica, que não era muita, infelizmente.

O meu Pai foi um Sábio e todos os que bebemos da sua Verdadeira Sabedoria sabemos que ele só morreria se nós quisermos. Cabe-nos a todos continuar o seu trabalho, o seu legado, para que se transforme não num mero “repositório” mas sim numa herança fecunda e viva para a nossa comunidade.

Até Sempre, meu Querido Pai, Colega, Mestre e Mentor. Até Sempre!

Um Grande e Forte Abraço

**Gonçalo Nuno Ramos Maia Marques**